
**PODER POLÍTICO E DISCURSIVIDADE SOBRE HEROÍSMO E
TIRANIA DE HUGO CHÁVEZ**

Ricardo Pereira Vieira³⁶
(UESB)

Maria da Conceição Fonseca-Silva³⁷
(UESB)

Edvania Gomes da Silva³⁸
(UESB)

RESUMO

Este trabalho parte dos resultados obtidos por Vieira (2009) e Vieira (2013) e, através de uma metodologia pautada no paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1986) e nos postulados da filosofia de Foucault (1969), busca investigar a existência de um enunciado de ordem político-jurídica em relação a Hugo Chávez, presidente da Venezuela, segundo o qual, na América Latina dos dias atuais, para se legitimar no exercício do poder, um político tem que ser construído no lugar de *herói*, mas nele não quer se perpetuar indefinidamente como um *tirano*.

PALAVRAS-CHAVE: Heroísmo. Tirania. Análise do Discurso.

³⁶Doutorando do Programa de Pós-Graduação Memória: Linguagem e Sociedade.
ricardo_advog@hotmail.com

³⁷Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários/UESB. Bolsista Produtividade. Orientadora.

³⁸Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários/UESB. Co-orientadora.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho levará em consideração os textos, reportagens, matérias, vídeos e documentários, veiculados de modo amplo na mídia impressa, na internet e no mercado audiovisual acerca da recente política da Venezuela no continente Latino Americano, especialmente com o advento da aparição pública de Hugo Chávez, atual presidente, o que remonta ao ano de 1992 quando o mesmo, na condição de militar, liderou um movimento armado contra o poder instituído do presidente eleito Carlos Andrés Pérez (Golpe de Estado frustrado).

Do material coletado, foram extraídas as formulações linguísticas cuja materialidade apontasse para a existência de um enunciado de ordem política e jurídica sobre o aspecto da *legitimação no exercício do poder político* de Chávez, no sentido de demonstrar sobre o que se funda [discursivamente] tal legitimidade e se haveria ou qual seria o seu limite, permitindo-nos falar, portanto, no nível do discurso, de uma legitimação/deslegitimação de Chávez na função de presidente do seu país.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a composição deste trabalho, foram selecionados e catalogados textos retirados de matérias em revistas impressas (Caros Amigos e Piauí), *sites* da internet, vídeos disponíveis no *YouTube*, documentários, etc., enfim, textos encontrados na mídia, de maneira ampla, que tratassem de Hugo Chávez ou da política venezuelana das últimas duas décadas (a partir do ano de 1992) até o momento atual da pesquisa (ano de 2012).

Em seguida, foi feito um percurso de leitura e análise do material selecionado (matérias, reportagens, textos e transcrições de vídeos e documentários), com o objetivo de identificar e descrever o funcionamento de um enunciado relacionado a Chávez, segundo o qual para se chegar a cargos centrais do poder político (presidência, por exemplo) é preciso que o político seja discursivamente concebido como um *herói*, que, por seu saber autocrático, se diferencia dos demais, colocando-se em condição de resolver os problemas da população; e ao mesmo tempo se distanciar da imagem do *tirano*, o qual busca continuar indefinida ou perpetuamente no poder.

Nesse sentido, o *corpus* foi reunido de acordo com o referencial teórico adotado, que privilegia a análise de indícios, de rupturas, de retomadas, de repetições e de atualizações (portanto

de uma concepção não linear da história). Os conceitos operacionais foram extraídos da filosofia de Foucault (1969) e também de Ginzburg (1986), além de autores da Análise de Discurso e da linguística, como Fontana (1997), e da filosofia política, como Foucault (1974), Aristóteles, Maquiavel e Locke, dentre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em entrevista de Hugo Chávez, concedida ao programa *Roda Viva (TV Cultura)*, de 03/10/2005, o texto que introduz as perguntas que passarão a ser feitas ao referido político diz o seguinte:

Hugo Chávez foi eleito pelo voto popular em dezembro de 1998. Ele já havia tentado chegar ao poder em 92, através de um golpe militar que não deu certo e o levou à prisão por dois anos. (...) De origem humilde (...). Chegou ao posto de coronel e se lançou numa ação política inspirada em Simón Bolívar, o herói da independência sul-americana (...). Com um discurso popular de combate à corrupção e à pobreza, Hugo Chávez está no governo há seis anos, e sobreviveu a várias crises. Em 2002, sofreu uma tentativa de golpe militar que fracassou (...). A oposição, incluindo alas militares, setores empresariais, e a classe média e alta acusou Chávez de querer impor à Venezuela um regime autoritário à moda de Fidel Castro,

mesma linha de pensamento do governo dos Estados Unidos, e conseguiu convocar um plebiscito com a idéia de abreviar o mandato do presidente. O povo foi às urnas, mas disse sim a Hugo Chávez. Fortalecido e apoiado por governos do continente (...) o presidente (...) reformou o Congresso, mudou a Constituição, e com o dinheiro farto, obtido com a alta do preço do petróleo, começou a investir pesado em programas sociais, que só fizeram aumentar sua popularidade e (...) sua chance de reeleição no ano que vem.

No trecho acima, o Golpe Militar de 1992 é colocado como fator de oscilação no destino de Chávez (o que o levou a prisão), mas também, em certa medida, como uma forma de *ardil* que o destaca na cena política. A violência e a sua origem humilde também estão presentes no fragmento, atualizando o que postula Foucault (1974) sobre os governos de tirania da Grécia arcaica: instabilidade política, heroísmo e saber autocrático. O combate à corrupção e à pobreza também legitima Chávez enquanto herói, apto a salvar/reerguer o país, mas a alusão à sua permanência no poder há seis anos coloca o tema do poder e de sua constante ameaça (usurpação) no centro da discussão. A referência ao golpe de 2002, à oposição e aos EUA evoca este mesmo sentido de instabilidade política. O apoio popular, materializado nas formulações do texto, também está presente como na análise de Édipo por Foucault (1974), pois, tanto no caso de Édipo quanto no

de Chávez, o referido apoio é mais um indício que atualiza o enunciado segundo o qual esses personagens (Édipo e Chávez) são tiranos. Finalmente, a reformulação do Congresso, a mudança na Constituição e o uso de petróleo para aumentar a sua popularidade são colocados como formas de o referido político continuar no poder (vencer a reeleição), o que também reatualiza o enunciado da tirania.

CONCLUSÕES

Do exposto, verificamos que o enunciado sobre a *tiranía* aparece, de diferentes formas, nas formulações linguísticas acima, comprovando-se estar repetido/atualizado em relação ao presidente Hugo Chávez, dando conta da existência de um discurso segundo o qual o heroísmo é discursivizado como forma de legitimação no poder tanto quanto a permanência do político num cargo ou função pode representar *excesso* e tirania, características indesejáveis do político, do ponto de vista do discurso.

REFERÊNCIAS

- FONTANA, M. G. Z. **Cidadãos modernos**: discurso e representação política. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Edição original: 1969.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005. Edição original: 1974.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Edição original: 1986.
- VIEIRA, Ricardo Pereira. **Memória e discurso**: Chávez na mídia impressa. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Programa de pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2009.
- VIEIRA, Ricardo Pereira. **Heroísmo e tirania nos discursos sobre a legitimação [de Chávez] no exercício do poder político**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.